

“Impossível acordo sem o FMI”

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

“Os bancos credores sempre consideraram praticamente impossível um acordo para o refinanciamento dos juros devidos pelo Brasil, e para o global de sua dívida externa, sem que o País firmasse algum tipo de compromisso com o Fundo Monetário Internacional (FMI)”, afirmou o chefe do subcomitê de economistas dos bancos credores, Arturo Porzecanski que, com sua equipe, quase nada conseguiu fazer, ontem, no Banco Central por falta de interlocutores.

A incerteza sobre quem seria o futuro ministro da Fazenda, a instabilidade causada pela confirmação de Maílson da Nóbrega no posto-chave da economia, e, inclusive, a demissão e posterior reaproveitamento do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, tudo isso fez com que os economistas dos bancos credores ficassem sem ter com quem conversar ou pedir informações, já que, no dia seguinte, essa pessoa poderia estar demitida.

“Estamos sendo vítimas desse problema”, afirmou Porzecanski, lembrando que, só no Banco Central, algumas pessoas deixaram de ser diretores na quarta-feira e ontem já eram diretores novamente. O objetivo do subcomitê é levantar os dados necessários para identificar as reais necessidades de financiamento externo do Brasil e sua capacidade de pagamento.

Alguns são dados que, embora complexos, apresentam possibilidade de checagem, como o resultado da Balança Comercial; outros, no entanto, dependem de definição política, como: metas para o crescimento, política monetária e déficit público, além de política salarial. E, no momento, isso não existe, segundo Porzecanski, pelo menos aos olhos dos credores.

“Antes havia o plano cruzado do ministro Funaro, depois o macro-econômico do Bresser. Eram planos. Hoje, não sabemos exatamente quais são as metas brasileiras”, afirmou o economista demonstrando, ainda, dúvidas quanto ao volume real de reservas nacionais. Por três vezes indagou se o número divulgado pela imprensa (US\$ 4,4 bilhões) estava correto e ele mesmo respondeu: “Eu não sei”. Porzecanski apontou a politização da dívida como um dos maiores obstáculos para a solução do problema, que, para ele, foi agravado com a postura do ex-ministro Dílson Funaro, ao tentar levar a dívida para o nível político e nada foi resolvido. Porzecanski, disse que “apesar do apoio político de alguns governos, nenhum país fez nada pelo Brasil, que pagou ao Clube de Paris e parou de receber novos empréstimos desses governos”.

Porzecanski, vice-presidente do Morgan Guaranty Trust Company, o banco que apoiou o plano de securitização do México, considera muito difícil que o Brasil possa encontrar uma solução semelhante por dois motivos: tem reservas confessadas muito baixas, o que impediria a formação de lastro para lançamento de bônus próprio como fez o México, que tem reservas de US\$ 15 bilhões, e por ter quebrado a tradição de bom pagador.